a *pulsão epistemofílica* nas teorias freudiana e lacaniana

GLÓRIA JUSTO

a pulsão de saber em Freud

DESDE O INÍCIO DA TEORIZAÇÃO PSICANALÍTICA, encontramos Freud preocupado em esclarecer o desejo de saber nas crianças, fundado nas pesquisas sexuais infantis. Há sempre algo de desconhecimento que é introduzido pela pulsão de saber – *Wissenstrieb*[1] –, que, por si só, não possui um objeto próprio. Em termos lacanianos, isso se traduziria na expressão saber-não-todo. "A pulsão de saber não pode ser considerada entre os componentes pulsionais elementares nem se subordinar de maneira exclusiva à sexualidade. Sua ação corresponde, de um lado, a uma maneira sublimada de obter domínio, e por outro lado, trabalha com a energia da pulsão de ver – pulsão escópica"[2].

Há uma relação entre a pulsão de saber e o prazer de olhar, assim como há uma esquize entre o olhar e o saber. Como zona erógena, o olho é a mais distante do objeto sexual; contudo participa ativamente da conquista desse objeto e do processo de excitação. A criança revela que, ao olhar para um objeto desejado, olha com fins libidinais, demonstrando o prazer que há no olhar, como no caso do *voyeurismo* e do exibicionismo observados em adultos. A curiosidade sexual infantil de ver o desnudamento do corpo e o sexo do Outro leva ao desenvolvimento de teorias acerca do assunto: "Porém, pode ser desviada no âmbito da arte, se seu interesse puder ser desviado dos órgãos genitais para a forma do corpo como um todo"[3].

Freud relaciona o *impulso de saber – Wissensdrang* – à curiosidade, à busca de um saber sexual que, inicialmente, se dirige aos órgãos sexuais, depois ao corpo e se amplia por toda a vida do sujeito. A curiosidade infantil não se restringe apenas à formulação de questões-enigmas sobre a sua origem e a da humanidade, mas também ao desejo e ao gozo. Constata-se que a precocidade sexual e a precocidade intelectual estão, com freqüência, associadas: "A curiosidade não brota de maneira espontânea nas crianças pequenas, mas é despertada pela impressão de uma importante vivência – o nascimento de um irmãozinho ou irmãzinha, consumado ou temido de que isso

[1] Nos textos freudianos, o termo *Wissenstrieb* é traduzido em espanhol, na edição da Amorrortu, por *pulsión de saber*; em português, na *Edição Standard Brasileira*, por *instinto epistemofílico*, *instinto de saber*, *instinto de pesquisa* ou *instinto de conhecimento*.

[2] Freud. Tres ensayos de teoría sexual (1905/1993, p.176).

[3] *Ibid.*, p.142.

aconteça, baseada em experiências externas – a qual a criança vê como uma ameaça para seus interesses egoístas"[4].

Em 1905, Freud revela a ocorrência de um típico fracasso da investigação sexual infantil sobre o desconhecimento de dois elementos: o órgão feminino, a vagina, e o papel do sêmen fecundante do pai na concepção dos bebês. "Segue-se, portanto, que os esforços do pequeno investigador são habitualmente infrutíferos e terminam em uma renúncia que não raro deixa como seqüela um dano permanente na pulsão de saber"[5].

No mesmo artigo, Freud já questiona a expressão *Wissenstrieb*, ao indicar que não se trata de componentes pulsionais elementares. A pulsão de saber se apóia, fundamentalmente, na pulsão escópica, utilizando-se de sua energia e do mesmo objeto. Nessa medida, a pulsão de saber também está na dependência da pulsão sexual. Por sua vez, os fracassos sexuais nas investigações infantis têm efeitos inibidores na pulsão escópica, terminando em uma renúncia e causando dano permanente na pulsão de saber. Com Freud, temos elementos para afirmar que nenhum saber é todo; nunca a pulsão de saber pode não sofrer certa inibição por causa da impossibilidade do saber sobre a vagina e o papel reprodutor do sêmen. "O obstáculo que impede a criança de descobrir a existência de uma cavidade que acolhe o pênis é sua própria teoria de que a mãe possui um pênis, como um homem"[6].

Articulando novamente as pulsões de ver e de saber, Freud, na *Conferência XXI*[7], situa na organização da fase pré-genital o poderoso funcionamento das pulsões escópica e epistemofílica. A participação dos genitais na vida sexual das crianças, na fase pré-genital, é apenas como órgão de excreção urinária. Solitariamente, a criança vai construindo suas teorias sexuais em uma tentativa de dar conta da falta de uma inscrição no inconsciente da diferença sexual. Só após o fracasso de suas teorias a criança neurótica consegue assumir uma posição independente e fazer maior inserção no laço social. É o período da entrada na leitura e na escrita formal, abrindo um novo campo de investigação, impulsionando o sujeito a novas descobertas.

Por meio do caso do Homem dos ratos, Freud enfatiza que, na neurose obsessiva, o pensar substitui o ato. Tal substituição se relaciona a "um precoce desenvolvimento e ao recalque prematuro das pulsões escopofílica e epistemofílica; [...] toda vez que a pulsão de saber prevalece na constituição obsessiva, a cisma se converterá no sintoma principal da neurose"[8]. Nas diferentes formas de neurose obsessiva, encontrou um processo

[4] Freud. Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci (1910/1993, p.73).

[5] Freud. Tres ensayos de teoría sexual (*op.cit.*, p.179).

[6] Freud. Sobre las teorías sexuales infantiles (1908/1993, p.195).

[7] Freud. Conferencia XXI: Desarrollo libidinal y organizaciones sexuales (1917/1993, p.298).

[8] Freud. A propósito de un caso de neurosis obsesiva (1909/1993, p.191).

inverso ao impulso de saber. Em vez da curiosidade impulsionar o sujeito a novas descobertas, este se satisfaz no próprio ato de pensar, na ruminação mental, levando-o a "uma satisfação cognitiva que é sentida como satisfação sexual. Com a ajuda da pulsão de saber, o ato substituto pode ser substituído, mais e mais, por atos preparatórios de pensamento"[9].

[9] *Ibid.*

Os casos clínicos freudianos evidenciam ser comum observarmos pacientes obsessivos com elevada capacidade intelectual. Se a pulsão de saber for recalcada prematuramente para constituir o sintoma obsessivo, ela poderia substituir diretamente o sadismo no mecanismo da neurose obsessiva: "Na verdade, ela é um broto sublimado, elevado ao intelectual, da pulsão de domínio e seu repúdio na forma de dúvida conquista um amplo espaço no quadro da neurose obsessiva"[10].

[10] Freud. La predisposición a la neurosis obsesiva (1913/1993, p.344).

Em 1910, Freud publica um estudo psicanalítico sobre Leonardo da Vinci, um dos mais notáveis homens criativos da história, que jamais tivera um caso de amor. Por meio de leituras biográficas sobre a juventude de Leonardo, Freud lança a hipótese de que o desejo de saber e a constituição da personalidade única do grande pintor e pesquisador estão intimamente relacionados aos primeiros anos de sua infância, junto à sua jovem e amorosa mãe:

> A pulsão de ver e a de saber foram excitadas com a máxima intensidade pelas impressões mais remotas de sua infância; à zona erógena da boca foi dada uma ênfase da qual nunca mais se libertou. [...] Uma poderosa onda repressiva pôs fim ao excesso infantil e estabelece as predisposições que manifestará na puberdade. O resultado mais evidente foi o afastamento de toda atividade sensual. Leonardo estava capacitado para viver em abstinência e dar a impressão de ser um homem assexuado[11].

[11] Freud. Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci (*op. cit.*, p.122-123).

Os três possíveis destinos da pulsão de saber são citados por Freud, no mesmo artigo: a inibição neurótica, o sintoma obsessivo e a sublimação. Na inibição neurótica do pensamento, o desejo de saber pode ser recalcado, e o sujeito, por meio de uma debilidade neurótica adquirida, fica impedido de pesquisar ou de agir. No sintoma obsessivo, ocorre uma erotização das operações intelectuais que impede a inibição, e as pesquisas tomam um caráter compulsivo, repetindo-se infinitamente, por meio das especulações obsessivas, sem que se chegue a uma conclusão. No terceiro destino, a libido escapa do recalque e é sublimada em curiosidade intelectual, ligando-se à pesquisa e

ao desenvolvimento intelectual. Esse é o destino mais satisfatório da pulsão de saber, porém são poucos os que conseguem executá-lo, como no caso de Leonardo da Vinci. Por meio da sublimação, Leonardo não ficou fadado ao fracasso das investigações sexuais infantis, pois a pesquisa de forma compulsiva se afastou da finalidade sexual para servir ao interesse intelectual.

Freud analisa as lembranças da infância de Leonardo da mesma forma que analisa Hans, a partir de suas descobertas sexuais. Ambos comprovam a veracidade de suas teorias sexuais infantis. Ainda em tenra idade, Leonardo deve ter-se atormentado com as pesquisas sobre de onde vêm os bebês. Se Leonardo foi atormentado, não sofreu seu efeito mais típico: a inibição da pulsão de saber. Para Freud, Leonardo foi um exemplo paradigmático de um dos possíveis destinos da pulsão de saber: a sublimação.

O desejo de saber em Lacan

Como vimos, a pulsão de saber é definida inicialmente como fundada nas pesquisas sexuais infantis e derivada da energia da pulsão escópica. Desse modo, Freud enuncia o saber como da ordem do pulsional, enquanto Lacan questiona se o saber está na ordem pulsional em senso estrito, abordando-o como sendo do registro do desejo.

A expressão pulsão epistemofílica é, explicitamente, rejeitada por Lacan, referindo-se a ela como *desejo de saber*: "Disse-lhes no começo que esse desejo de saber – pulsão epistemofílica, como inventaram de denominá-lo –, não deixava de ter seus problemas"[12]. Em compensação, ao falar do desejo de saber, dá ênfase ao que desenvolveremos a seguir: a paixão pela ignorância, o horror de saber, a possibilidade de uma anorexia mental e a questão do desejo do analista ligado ao gaio saber.

Chama, também, atenção para esse desejo de saber, "ou apenas desejo (de saber)"[13]. Optou em colocar as últimas palavras entre parênteses para frisar a importância da articulação entre desejo e saber. O desejo nasce no desejo de saber sobre a origem, o sexual e o desejo do Outro. Assim, a verdadeira enunciação inconsciente do sujeito, como lugar do inconsciente, é expressa na frase: "Ele não sabia que estava morto". Freud, ao desenvolver o tema dos sonhos de morte com pessoas queridas, relata o sonho de um rapaz abalado com a morte do pai. Ele adormece e sonha com o pai morto, mas não sabia que estava morto: "O pai está vivo de novo e falava com ele em sua maneira usual, mas só que não sabia sobre sua própria morte"[14]. Segundo Freud, o pai é evocado como o próprio inconsciente do

[12] Lacan. *O seminário – livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970)* (1992, p.100).

[13] Lacan. *O seminário: De um Outro ao outro (1968-1969)* (Inédito: aula de 23 de abril de 1969).

[14] Freud. La interpretación de los sueños (1900/ 1993, p.430).

sonhador, pois este havia desejado a morte do pai para poupá-lo do sofrimento, assim como havia gastado muito dinheiro com o tratamento da doença paterna. Para Lacan, o "ele não sabia que estava morto" não é um não-saber, é o que está na origem da divisão do sujeito.

Lacan retoma o inconsciente freudiano com algumas categorias novas, entre elas a do saber, porém um saber muito específico: um saber que não se sabe que sabe, um saber desconhecido de si mesmo, que se mostra distinto do conhecimento, mas não disjunto do pensamento. Tanto o conhecimento quanto o saber inconsciente estão estruturados como uma linguagem; o saber, porém, não é cumulativo como o conhecimento. Há sempre no saber um ponto de não saber. Lacan define o instinto como "um dos modos de conhecimento que a natureza exige do ser vivo para que ele satisfaça suas necessidades"[15], ou seja, "um conhecimento que não comporta um saber"[16], enquanto o saber não comporta nenhum conhecimento.

[15] Lacan. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. (1960/1998, p.818).
[16] *Ibid.*

No mesmo artigo, analisa o inconsciente tal qual o apólogo do escravo mensageiro da Antigüidade que traz uma mensagem escrita em sua cabeça raspada, que só pode ser lida por aqueles que a receberem e, conseqüentemente, inclui a sentença de morte de quem a porta:

> Um saber, mas um saber que não comporta o menor conhecimento, já que está inscrito num discurso do qual, à semelhança do grilhão de antigo uso, o sujeito leva sob a cabeleira o codicilo que o condena à morte sem saber nem o sentido, nem o texto, nem em que língua ele está escrito, nem tampouco que foi tatuado em sua cabeça raspada, enquanto ele dormia[17].

[17] *Ibid.*

No processo analítico, o saber inconsciente é um saber singular que se presentifica por meio das formações do inconsciente, como sonhos, lapsos, chistes e atos falhos. Lacan nomeia o inconsciente como um enigma revelado pelo discurso analítico: "para o ser falante, o saber é o que se articula... O inconsciente é o testemunho de um saber, no que, em grande parte, ele escapa ao ser falante"[18].

[18] Lacan. *O seminário - livro 20: Mais ainda (1972-1973)* (1996, p.188-190).

Com base no ensinamento de Lacan, podemos dizer que há um questionamento dirigido ao Outro. É no circuito entre o desejo humano e o desejo do Outro que reside o desejo de saber, o qual não está do lado da criança. "É no Outro que se encontra o estatuto de saber e que ele é a prender, a ser tomado. É por isso que ele é efeito de aprender"[19]. Assim, a criança,

[19] *Ibid.*, p.130.

diante da insuficiência de um saber sobre a questão sexual, tenta buscá-lo no Outro, muitas vezes por meio de incessantes questões. A pergunta "De onde vêm os bebês?" pode desdobrar-se em "Que lugar ocupo no desejo do Outro?" ou "O que o Outro quer de mim e para quê?". Mas não há como desvendar todos os enigmas. De maneira geral, "o desejo é sempre desejo de saber suscitado por uma causa conexa à formação de um sujeito"[20].

Em contrapartida, o saber no Outro escapa à criança; não existem respostas para todas as perguntas, só se encontram os enigmas – "o chato é que o Outro, o lugar, não saiba nada"[21]. A criança descobre com horror que o Outro é descompletado, o que indica sua própria castração. O horror de saber está, portanto, relacionado à primeira apreensão de castração da criança e também à constatação de que o Outro materno é castrado. O saber sexual é um saber proibido e, como tal, causa horror, constituindo-se como limite, como borda do saber permitido. Lacan fala da anorexia como uma ação que desencoraja o desejo de saber e adverte: "O mais importante na dimensão do saber não é o desejo que preside o saber, mas o horror de saber"[22]. Considera que o problema do saber não é tanto a expressão epistemofílica, e sim que haja desejo; assim, na neurose, de forma generalizada, dizemos que todo sujeito é débil porque está mais relacionado com um horror que com o desejo de saber.

Em dois textos distintos, mais uma vez Lacan descarta a existência da pulsão epistemofílica, mesmo que tenha sido anunciada por Freud. No primeiro, enfatiza: "Não há desejo de saber, esse famoso *Wissenstrieb* que Freud aponta em algum lugar"[23]. O segundo, ao falar sobre a transferência, chama a atenção que o fundamental "é o amor que se dirige ao saber. Não do desejo; pois quanto ao *Wissenstrieb*, [...] não adianta, não há o mínimo. A tal ponto, que nisso se fundamenta a paixão maior do ser falante: que não é o amor, nem o ódio, e sim a ignorância. Sinto-a de perto todos os dias"[24].

A ignorância é considerada uma das paixões do ser, tal qual o amor e o ódio. A paixão pela ignorância está relacionada ao saber, pois indica um furo no saber, mas não se trata de uma menos-valia ou de um déficit, diz Lacan. Refere-se à expressão usada pelo cardeal Nicolau de Cusa, sobre a *douta ignorância*[25] como o saber mais elaborado que diz respeito tanto à posição do analista quanto à de um erudito, ou de um pesquisador que, diante do saber, deve admitir que não sabe, ou que porta o saber em seu nível mais baixo. A *douta ignorância* é o reconhecimento do furo no saber e pressupõe ter ultrapassado

[20] Lacan. *De um desígnio* (1966/1998, p.368).

[21] Lacan. *O seminário – livro 20: Mais ainda (1972-1973)* (*op. cit.*, p.132).

[22] Lacan. *O seminário: Les non-dupes errent (1973-1974)* (Inédito: aula de 9 de abril de 1974).

[23] Lacan. *O seminário – livro 20: Mais ainda (1972-1973)* (*op. cit.*, p.143).

[24] Lacan. Introdução à edição alemã dos Escritos (1973/1988, p.11).

[25] Lacan. *O saber do psicanalista (1971-1972)* (Inédito: aula de 4 de novembro de 1971).

a paixão pela ignorância, que é a característica própria de todo o ser falante.

Nesse processo dialético, ocorre um contraponto com a verdade, pois o sujeito do inconsciente se apresenta dividido entre o saber inconsciente e sua própria verdade. O saber inconsciente é muito pouco, apenas migalhas de saber, diz Lacan ao se referir à análise: "Da análise, há uma coisa que deve prevalecer: é que há um saber que se extrai do próprio sujeito... É do tropeço, da ação fracassada, do sonho, do trabalho do analisante que esse saber resulta. Esse saber que não é suposto, ele é saber, saber caduco, migalhas de saber, sobre migalhas de saber. É isso o inconsciente"[26].

[26] *Ibid.*, aula de 3 de fevereiro de 1972.

Em *Nota italiana*, descreve um outro tipo de saber que possui um desejo inédito, que constitui e caracteriza o desejo do analista: "O analista abriga um outro saber, num outro lugar, mas deve levar em conta o saber que intervém no real"[27]. Na mesma nota, diferencia o saber do analista do saber científico. O analista, em sua *práxis*, desenvolve um desejo pelo saber, ao contrário do cientista ou do pesquisador, que buscam de todas as formas o querer saber, foracluindo o sujeito de seu discurso. Chama atenção para o fato de que o desejo do analista é bem diferente do desejo de ser analista, porque o primeiro possui um saber sem Outro e sem sujeito, já que, ao fim de uma análise, o destino do analista é ser o rebotalho, o dejeto do saber – um resto de saber excluído do saber inconsciente.

[27] Lacan. Nota Italiana (1974/1995, p.51).

A seguir, trabalharemos o caso clínico conhecido como o Homem dos miolos frescos, do psicanalista Ernst Kris, porque é o único momento do ensino de Lacan em que ele se refere explicitamente a um exemplo de anorexia mental. Trata-se de um jovem e respeitado cientista de trinta e poucos anos que demanda uma segunda análise, escolhendo, dessa vez, um analista homem. Queixa-se de que não se sente capaz de atingir melhores condições profissionais por não conseguir publicar suas extensas pesquisas. Possui uma singular obsessão: acredita estar plagiando os conceitos de outro colega após ter lido, na biblioteca, um trabalho publicado anos atrás, cuja idéia central era idêntica à desenvolvida por ele mesmo.

Tal descrição nos leva a pensar que estamos diante de um intelectual inibido. Um criador de idéias reconhecido por seus títulos no âmbito científico, mas que não se autoriza capaz de apossar-se delas e de agir de forma produtiva no sentido de publicá-las, pois não as reconhece como suas. O sujeito inibido intelectualmente tende a atribuir, de forma inquestionável, o saber ao Outro, ao mesmo tempo em que se vê dele desprovido.

A primeira análise do jovem cientista deu-se com a psicanalista Melitta Schmideberg. Durante esse período, o paciente declarou ter conseguido diminuir suas inibições sociais, alcançando uma acentuada mudança em sua vida. Aprendeu também que sentia medo e culpa, que o impediam de ser produtivo, relacionando-os com o impulso de "tomar e roubar como havia feito na puberdade"[28]. Durante a puberdade, havia roubado ocasionalmente doces e livros usados, o que o remeteu, na idade adulta, a uma obsessão pelo plágio, ou a uma inclinação para plagiar. Lacan chama atenção para o realce dado pela analista ao fato de que "quem roubou roubará"[29]. Portanto, correlacionou a atividade de roubar e o trabalho científico com o plágio; a inibição intelectual pode ser aqui entendida como uma forma de defesa que utilizava para escapar de seus próprios impulsos criticáveis.

No período da segunda análise com Kris, investigou-se mais detalhadamente o texto lido na biblioteca, o qual o paciente temia plagiar. O analista lê o livro e verifica que não há justificativas para a acusação de plágio. Dessa forma, ele não toma como verdade do sujeito a frase: "Eu sou plagiário". Kris "des-culpa" seu analisante, mostrando-lhe sua condição de não plagiário. Freud já havia advertido os médicos de que, quando um paciente neurótico obsessivo grave se considera culpado, jamais cometessem o erro de desculpá-lo: "Nada pode ser feito contra os sentimentos de culpa, direta ou indiretamente, exceto o lento processo de descobrir suas raízes reprimidas, inconscientes, e, assim, gradativamente, transformá-los em sentimentos conscientes de culpa"[30].

Kris relaciona a sintomatologia na vida adulta com as fantasias infantis, atribuindo-as à identificação com o pai como um dos fatores determinantes da sua inibição intelectual. Seu avô paterno tinha sido um importante e bem-sucedido cientista, enquanto o pai era considerado um fracasso profissional. Desse modo, o fato de o paciente considerar que suas idéias não serviam ou que só podiam ser plagiadas era resultante de conflitos em torno do pai. Por meio do relato de um sonho edipiano, Kris tenta comprovar que o paciente desejava um pai bem-sucedido: "Numa batalha, os livros eram usados como armas, e os livros abatidos eram engolidos durante o combate"[31]. O analista interpreta que era o desejo de incorporar o pênis do pai, interpretação muito comum naquela época. Outra recordação infantil remete o paciente aos quatro ou cinco anos de idade, quando, freqüentemente, ia pescar com o pai e sentia acentuado desejo de obter o peixe maior e suplantar o pai.

[28] Kris. Psicologia do ego e interpretação na terapia psicanalítica (1951/1987, p.129).

[29] Lacan. Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a *Verneinung* de Freud (1954/1998, p.396).

[30] Freud. El yo y el ello (1923/1993, p.66).

[31] Kris. Psicologia do ego e interpretação na terapia psicanalítica (*op.cit.*, p.129).

Apesar de o paciente ser um cientista reconhecido e já ter suplantado o pai, não consegue ir avante na publicação de suas pesquisas. Revela-se paralisado em seu agir, dizendo, repetidas vezes, que era um plagiário. Kris não consegue ouvi-lo e continua a investigar-lhe certas tendências, como tomar, morder, roubar, durante a latência e adolescência, até estabelecer a seguinte relação: "Somente as idéias dos outros eram verdadeiramente interessantes e somente as idéias podem ser apoderadas; daí por diante, a forma de tomá-las tinha de ser arquitetada"[32]. Após a interpretação, houve um significativo silêncio até que o paciente, segundo Kris, teve um súbito *insight*: "Ao meio-dia, quando saio da sessão, antes do almoço e antes de retornar ao meu escritório, sempre dou uma volta pela rua X. e espio os *menus* atrás das vitrines da entrada. Num dos restaurantes, eu encontro freqüentemente meu prato preferido – miolos frescos"[33].

Verificamos que aquilo que Kris chamou de *insight*, Lacan interpretou como um *acting out* dirigido ao analista, na saída da sessão. Lacan aborda o procedimento clínico adotado por Kris ao tentar convencer seu paciente de que não era um plagiário: não é a idéia de roubar que o faz crer que rouba, mas o contrário, "que ele possa ter uma idéia própria é que não lhe vem à idéia, ou que só o visita com dificuldade"[34]. Para não contestar seu analista, dirige-lhe uma demanda de simbolização como medida para evitar a angústia quanto ao desejo inconsciente desconhecido: "Sua fantasia comestível, uma anorexia quanto ao mental, ao desejo do qual vive a idéia"[35]. Era fundamental ao paciente ter ouvido que "não é o fato de ele não roubar que importa aqui; é que ele não... Sem o 'não': é que ele rouba nada"[36]. O sentido da pulsão deveria sempre se satisfazer, gerando prazer; contudo ela também pode suscitar desprazer e desencadear o recalcamento, como forma de defesa do eu. É uma defesa em relação ao fato de que ele possa ter uma idéia própria – não há idéia sem desejo e não há desejo sem idéia.

Assim, Lacan questiona o diagnóstico de Kris de neurose obsessiva, quando interpreta o sintoma como uma compulsão a plagiar. Diz que se trata de uma anorexia mental no sentido de o paciente não poder assumir suas idéias porque não pode assumir seu desejo. É preciso, então, marcar o desejo quanto a esse nada que o sujeito busca e fabrica na anorexia mental. Quanto ao *acting out* que ocorreu durante o tratamento, indica um sinal de que a análise se encontra em um impasse: "É o início da transferência selvagem, a transferência sem análise"[37].

[32] *Ibid.*, p.130.

[33] Lacan. Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a *Verneinung* de Freud (*op. cit.*, p.399).

[34] Lacan. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958/1998, p.606).

[35] *Ibid.*, p.607.

[36] *Ibid.*, p.606.

[37] Lacan. *O seminário: A angústia (1962-1963)* (Inédito: aula de 23 de janeiro de 1963).

Mostra-se como um "modelo de interferência entre o simbólico e o real, atuado pelo sujeito"[38], como resposta ao analista que tentava trazê-lo de volta para uma pretensa realidade; na impossibilidade de fala, o sujeito faz.

[38] Lacan. Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a *Verneinung* de Freud (*op. cit.*, p.395).

Consideramos que a inibição intelectual desse paciente surge quando não reconhece suas idéias e não consegue publicar seus textos, constituídos por idéias absolutamente originais. À medida que essa questão se torna repetitiva, revela-se um maior grau de dificuldade dessa inibição. Toda questão revelada em análise está dirigida ao Outro suposto saber, tratando-se, desse modo, de um sintoma analítico. A via de tratamento possível na psicanálise é a do desejo. De alguma forma, esse paciente sabe que é um plagiador e se culpabiliza por isso, mas o de que ele se queixa em análise é o não-saber (nada) sobre seu desejo.

No fim de uma análise, Lacan enfatiza que a relação com o saber deve mudar, uma vez que o analisante vislumbra que o saber comporta um furo. É o que ele chama de "gaio saber"[39], designando a poesia dos trovadores, que se caracteriza por usar a mulher como tema central, a tal ponto que esse sujeito não corresponda a nenhum ser encarnado. Assim, a poesia dos trovadores denuncia que A Mulher não existe. O gaio saber é considerado um bom encontro com o saber, que implica um certo equilíbrio entre a verdade e o saber – o mais-de-saber. Temos aqui não mais a paixão pela ignorância, mas o entusiasmo, qualidade que também caracteriza o analista.

[39] Lacan. *Televisão* (1974/1993, p.87).

referências bibliográficas

Freud, Sigmund. (1900) La interpretación de los sueños. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993. Vol. IV e V.

Freud, Sigmund. (1905) Tres ensayos de teoría sexual In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993. Vol.VII.

Freud, Sigmund. (1908) Sobre las teorías sexuales infantiles In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993. Vol. IX.

Freud, Sigmund. (1909) A propósito de un caso de neurosis obsesiva. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993. Vol. X.

Freud, Sigmund. (1910) Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993. Vol. XI.

FREUD, Sigmund. (1913) La predisposición a la neurosis obsesiva. In: *Obras Completas.* Buenos Aires: Amorrortu, 1993. Vol. XII.

FREUD, Sigmund. (1917) Conferencia XXI: Desarrollo libidinal y organizaciones sexuales. In: *Obras Completas.* Buenos Aires: Amorrortu, 1993. Vol. XVI.

FREUD, Sigmund. (1923) El yo y el ello. In: *Obras Completas.* Buenos Aires: Amorrortu, 1993. Vol. XIX.

JUSTO, Glória. *Inibição do saber.* Rio de Janeiro, 2003, 120 f. Dissertação. (Mestrado em Pesquisa e Clínica de Psicanálise) – Instituto de Psicologia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

KRIS, Ernst. Psicologia do ego e interpretação na terapia psicanalítica. *Falo.* Salvador, n. 1, 1987.

LACAN, Jacques. Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a *Verneinung* de Freud. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1958) A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1960) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN , Jacques. *O seminário: A angústia. (1962-1963).* Inédito.

LACAN, Jacques. (1966) De um designo. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques O *seminário: De um Outro ao outro (1968-1969).* Inédito.

LACAN, Jacques. O *seminário – livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. *O saber do psicanalista (1971-1972).* Inédito.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 20: Mais, ainda (1972-1973).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LACAN, Jacques. (1973) Introdução à edição alemã dos Escritos. *Falo.* Salvador, n. 2, 1988.

LACAN, Jacques. *O seminário: Les non-dupes errent (1973-1974).* Inédito.

LACAN, Jacques. (1974) *Televisão.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

LACAN, Jacques. (1974) Nota italiana. *Documentos para uma Escola.* Letra Freudiana. Rio de Janeiro, n. 0, ano XIV, 1995.

resumo

Este trabalho pretende apresentar uma pesquisa em Freud e Lacan sobre *pulsão epistemofílica* – expressão problematizada por Lacan. Desenvolvemos também as relações entre sujeito e saber, por meio dos estudos psicanalíticos de Leonardo da Vinci e do Homem dos miolos frescos, descrito por Lacan como caso de anorexia mental.

abstract

This work intends to introduce a research on Freud and Lacan about *epistemophilic drive* – problematic expression by Lacan. We also develop the relations between subject and knowledge, through the psychoanalytical studies of Leonardo da Vinci and the "man of the cool brains", described by Lacan as a case of mental anorexy.

palavras-chave

pulsão, saber, desejo, inibição intelectual

keywords

drive, knowledge, desire, intellectual inhibition